

**MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM REGISTROS E
INFORMAÇÕES EM SAÚDE**

RECICLAGEM: OUTROS OLHARES

MARIANA PAULA DE ANDRADE

Monografia apresentada como requisito para
conclusão do Ensino Médio e técnico em
Registro e Informações em Saúde da Escola
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.
ESPSJV/FIOCRUZ

**Orientadora: Prof^ª. Ana Júlia Calazans Duarte
Rio de Janeiro, Fevereiro / 2007**

Que você possa viver em tempos interessantes.

-antiga praga chinesa

Sumário

Resumo

Introdução

Referencial Teórico e Metodológico

- **O contexto socioeconômico Brasileiro: um recorte histórico**
- **As ambigüidades do discurso ecológico**
- **A importância da Reciclagem nos dias atuais**
- **O que é reciclagem?**

Produção e visões imagéticas sobre a reciclagem

Compreendendo a reciclagem sob o olhar de trabalhadores

Relendo os Resultados: a guisa de conclusões

Referências Bibliográficas

Resumo

A reciclagem é um processo de reaproveitamento de resíduos sólidos. Tal atividade tem demonstrado um aumento de produção não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Mas, quais as reais discussões que fundamentam esse quadro?

A análise do contexto sócio-econômico e ambiental faz-se necessário para analisar as bases históricas como possível entendimento da atualidade. Além de depoimentos de pessoas as quais possuem relações intrínsecas com o processo de reciclagem. Neste trabalho busquei compreender o poder da imagem sobre a concepção que determinados grupos sociais desenvolvem suas atividades profissionais, ou seja, a questão foi desvendar por meio da imagem a importância da reciclagem para os trabalhadores, inseridos num contexto sócio-ambiental.

Introdução

A idéia do projeto surgiu de um exame de qualificação de uma faculdade onde se perguntava a principal causa do aumento da reciclagem no Brasil. Dentre as opções, encontrava-se: emprego informal. Daí surge minha motivação por compreender, ou pelo menos buscar pesquisar sobre a reciclagem suas relações socioeconômicas num Brasil de contrastes e singularidades de ordem da política ambiental e da exclusão social.

Embora o emprego informal seja o grande impulsionador da reciclagem representado por crescentes números, entretanto várias discussões podem e estão sendo feitas para justificar tal avanço.

O presente estudo busca, inicialmente, responder: Quais as reais discussões que fundamentam o crescente quadro de reciclagem brasileiro? Além disso, promove discussões objetivando reconhecer as diferentes percepções sobre a reciclagem por indivíduos cujo vínculo com esse processo seja estreito.

Referencial Teórico

O contexto sócio-econômico ambiental: um recorte histórico

As últimas duas décadas têm presenciado mudanças no contexto econômico, político, social e cultural da sociedade contemporânea. As transformações no mundo da produção e do trabalho que hoje vivenciamos decorrem, em grande parte, da crise que assolou o sistema capitalista da década de 60, e que revelou o esgotamento do padrão de acumulação estruturado sob as formas tayloristas-fordistas de produção industrial. A crise do petróleo nos anos 70 e as mudanças no mercado consumidor de bens e serviços – com demandas cada vez mais exigentes, instáveis e segmentadas – acarretaram a substituição da produção fordista de massa por uma organização da produção flexível de bens e serviços altamente diferenciados.

A busca por esses mercados consumidores acirrou a competição intercapitalista, fazendo com que as empresas adotassem estratégias de diminuição de custos, de aumento de produtividade e de melhoria da qualidade de seus produtos. Nesta busca desenfreada por novos mercados, o uso intensivo de tecnologias passou a ter um papel relevante, já que estas permitem o surgimento de novos processos e produtos, melhorando a qualidade e a rapidez de bens e serviços.

Nos anos 90, as mudanças na dinâmica do capitalismo internacional aprofundam-se e expandem-se. A economia mundial se interliga e se articula cada vez mais e este fenômeno chamados de globalização econômica. Este decorre não só da necessidade de conquista premente e incessante de novos mercados, mas da circulação rápida de novos bens matérias e imateriais. O intenso e rápido fluxo de capitais, produtos e serviços, viabilizando pelo avanço das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e da rapidez dos transportes, consolida a internacionalização da economia e a crescente integração dos mercados nacionais.

A atual fase de capitalismo contemporâneo vem se caracterizando, portanto, por uma nova divisão transnacional do trabalho. Para enfrentar os padrões de competição definidos pelos centros econômicos hegemônico verifica-se a tendência à formação de blocos regionais para o intercâmbio comercial e industrial, a fusão de empresas que

formam grandes conglomerados, e o deslocamento das plantas industriais e de empresas de serviços para distintas regiões do mundo, em busca de maiores lucros, de menores custos de instalação, e de mão-de-obra barata e pouco organizada.

A globalização econômica e financeira intensifica, pois, a concorrência entre as empresas que buscam maior produtividade, agilidade e qualidade de seus produtos e serviços. Para tal, investem em novas tecnologias de base microeletrônica e adotam novas concepções organizacionais. Estas estratégias de administração e de gestão da força de trabalho incluem a integração dos processos produtivos; a flexibilização não só de produtos e de processos, mas do trabalho; a descentralização da produção, através da qual a empresa matriz estabelece ampla rede de fornecedores subcontratados, terceirizando atividades e enxugando as estruturas de operação, para diminuir os custos.

O avanço do processo de globalização – que transcende os fenômenos meramente econômicos, invadindo as dimensões políticas, sociais e culturais – torna-se possível a partir da adoção em escala internacional de um ideário neoliberal, constituído por um conjunto de reformas nos planos político, econômico, jurídico, social e educacional, com o propósito de enfrentar a crise do capitalismo intensificada a partir dos anos 70, e assegurar a integração das nações na nova ordem internacional definida pelos países centrais.

As propostas neoliberais têm seu fundamento na liberdade econômica e no mercado como princípio auto-regulador das sociedades. Para superar a crise econômica e propiciar a expansão e o desenvolvimento pleno do capitalismo é preciso evitar que o Estado interfira na economia e na vitalidade da concorrência empresarial. (Deluiz, 1997). Como consequência da adoção dessas políticas, constatam-se mudanças com relação ao tamanho e às atribuições do Estado, a desregulamentação das economias nacionais, as privatizações, o desmonte das políticas de previdência e seguridade sociais, e a desobrigação paulatina do Estado em áreas tradicionalmente de sua competência, como a saúde e educação.

As consequências sociais desse modelo são visíveis: o desemprego estrutural, a reestruturação do mercado de trabalho, a flexibilidade e a desregulamentação do trabalho, a terceirização das atividades, o crescimento dos empregos precários, a exclusão de

amplos contingentes de trabalhadores do mercado formal e o empobrecimento da população em geral.

A segmentação da força de trabalho que decorre desses processos se dá em um contexto de dificuldades de organização e sindicalização dos trabalhadores e de desmobilização de movimentos sociais reivindicatórios (Deluiz, 1996).

A internacionalização da economia, a competição entre as empresas, o uso intensivo das inovações tecnológicas, a redução dos postos de trabalho, o desemprego estrutural, o aumento da exclusão social, o agravamento das diferenças sociais entre os países ricos e pobres, e entre ricos e pobres dentro de um mesmo país, e a devastação do meio ambiente pelo uso predatório de novas tecnologias trata-se da mesma opção, a de um modelo de desenvolvimento pautado exclusivamente pela ótica econômica, tornando a preocupação com o indivíduo ou com as comunidades e sociedades, algo irrelevante. Segundo Dowbor (1998), tornou-se cada vez mais difícil identificar o bem-estar humano com o bem-estar econômico.

Ambigüidades do discurso ecológico

Renato Janine Ribeiro caracteriza a economia como “séria e moderna”; enquanto o social como “perdulário e arcaico” justificado pela priorização da assistencialidade a um banco às necessidades sociais.

Primeiro é necessário uma definição do social. Há uma curiosa oposição dos vocábulos sociedade e social. Nos últimos anos, no discurso dos governantes e economistas, a “sociedade” veio a designar o conjunto dos que detêm o poder econômico ao passo que “social” remete, nessa mesma fala, a uma política que procura minorar a miséria (pág.19). Assim, “a sociedade” é ativa: ela manda, sabe o que quer – e quer funcionar por si mesma, sem tutela do Estado. Corresponde no marxismo, as classes dominantes.

Já o social tem, por melhor ocorrência no discurso político, o lema “tudo pelo social” (pág.20) que enuncia a intenção de acudir aos pobres.

Portanto, o social diz respeito ao carente; a sociedade, ao eficiente. Eles não se referem aos mesmos meios sociais, às mesmas pessoas, à mesma integração que tenham no processo produtivo, no acesso aos bens, no mercado, no mundo dos direitos.

Diante de tudo, a distância entre os dois mostra-se quase intransponível visto que não é possível o objeto da ação social tornar-se membro integrante e eficaz da sociedade. A razão disso é que a diferença entre o social e a sociedade não é somente de perspectiva ou atitude: o social é aquilo que não pode tornar-se sociedade.

É óbvio que o país não está dividido em duas realidades. O problema é esse discurso que de tão difundido tornou-se dogma de fé, segundo o qual a economia está cindida de nossa vida social – como se uma não implicasse a outra. O grave está nessa exclusão a que são submetido à vida social, o cotidiano, a teia das relações que se nutrem entre os homens – um tecido rico e fascinante mais agora conotado pela imagem de coisa menor atribuída pelos que se dizem a sociedade.

Diante de tantas disparidades encontradas na população é, de certa forma, questionável a existência de discurso cuja amplitude possa abranger os reais interesses (ou transmitir a realidade) de todos como universal.

Todavia, segundo Gonçalves (1984), para que esse discurso possa legitimar-se, é necessário que se apóie em certas “evidências” na realidade objetiva servindo também para as ideologias dominantes fazer em suas generalizações, baseando-se, de certa forma, em fundamentos verídicos.

Geralmente, a ideologia, por ser na maioria das vezes originada das classes dominantes, inverte-se a realidade oferecendo um consolo ideal em um mundo cujo consolo é inexistente, concretamente.

Observando os discursos dominantes no movimento ecológico, tem-se uma maior clareza desses aspectos: “Enquanto viver a natureza, o homem não morrerá” ou “Defender a natureza é proteger a própria vida”, ou vaticínios como “só um grande esforço hoje pode assegurar um futuro tranquilo para todos”. Ainda segundo Gonçalves, poucos são os que ousariam discordar dessas afirmações. Ainda mais pela divulgação geralmente feita pela mídia a qual funciona como um veículo propagador de tais afirmações.

Reciclagem: Uma preocupação atual, com origens históricas

Segundo Eigenheer, “a recuperação de materiais do lixo é uma prática antiga”. O autor exemplifica com o fato de que, no início do século XV, na Inglaterra, o lixo - predominantemente orgânico – era vendido a fazendeiros e jardineiros para ser utilizado em criações de animais e plantações. Esse processo, de compostagem, é praticado desde a antiguidade clássica.

Outra atividade secular é a recuperação dos metais e outros materiais, como o papel, garrafas e outros. Tal medida é impulsionada, principalmente pela escassez e pelo custo de produção dos materiais, devido à sua importância durante as guerras.

No Brasil, as práticas de recuperação são perceptíveis desde o final do século XIX. Em 05/11/1896, no “Jornal do Commercio”, há menção de atividades de catação, de portugueses e espanhóis no lixo da Ilha de Sapucaia, na Bahia de Guanabara, para suprir indústrias de reaproveitamento e empresas reutilizadoras.

Porém, somente a partir de 1960 programas mais amplos, inclusive de alcance nacional voltados para a recuperação de embalagens, são inicialmente implementados, na perspectiva de contribuição para a gestão de resíduos sólidos (lixo). Exemplificando, tem-se o “American Beautiful” nos EUA.

Outro dado relevante é o fato de, nos meados da década de 1970, a maior parte dos programas de coleta coletiva de papel, implementados em cidades Norte Americanas, dois ou três anos antes, foram desativados quando o valor pago pelas indústrias sofreu retração e com isso, a atividade “tornou-se economicamente deficitária” (APWA, 1975).

A degradação do meio ambiente tornou-se uma preocupação mundial. Os recursos naturais são limitados e o crescimento da população mundial aliado ao uso indiscriminado dos recursos naturais, especialmente pelos países de primeiro mundo, podem ocasionar a escassez de matérias - primas.

Preocupados com esta questão, a ONU convocou pela primeira vez uma reunião mundial para a discussão do meio ambiente. A conferência aconteceu em Estocolmo, em

1972, para discutir o meio ambiente global e as necessidades de desenvolvimento. O resultado foi a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e a tentativa de melhor compreender as possíveis intervenções a serem realizadas no meio ambiente.

Em 1982, foi convocada nova reunião para avaliação dos dez anos após a reunião de Estocolmo. Este encontro ocorreu em Nairóbi e nele emergiu a formação da Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), criada em 1983. Em 1987 esta comissão divulgou como resultado de seu trabalho o Relatório Nosso Futuro Comum, quando surge pela primeira vez o termo Desenvolvimento Sustentável, caracterizado como o desenvolvimento que atende as necessidades das gerações atuais, sem comprometer o futuro das próximas gerações, (CMMAD, 1987, 46).

Após a divulgação desse relatório a Assembléia Geral das Nações Unidas, em 1990, decidiu convocar a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), que se realizaria no Rio de Janeiro em 1992. Essa conferência, também chamada de Rio-92, ou Cúpula da Terra, contou com a participação de governos e organizações da sociedade civil de 179 países que elabora uma série de documentos, sendo os mais importantes a Agenda 21 e a Declaração do Rio. A Declaração do Rio foi orientada para a defesa do meio ambiente e a Agenda 21 para o desenvolvimento sustentável a ser adotado global, nacional e localmente, por governos e organizações de todo o mundo, em todas as áreas em que a ação humana impactasse o meio ambiente.

No Brasil foi criada a Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável que elaborou, no período de 1996 a 2002, a Agenda 21 Brasileira. Esta agenda foi construída em um processo de planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável, que tem como eixo central a sustentabilidade, compatibilizando a conservação ambiental, a justiça social e o crescimento econômico.

Realizada em 2002, em Joanesburgo, África do Sul, a Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável foi a terceira conferência mundial convocada pela ONU para discutir os problemas ambientais do planeta, e contou com a participação de delegações de 193 países e a presença de 100 chefes de Estados. Esta conferência não tinha como objetivo adotar novos compromissos, acordos ou convenções internacionais,

mas fazer uma avaliação dos avanços e dos compromissos assumidos em 1992, bem como definir meios, metas e prazos para implantação dos planos de sustentabilidade estabelecidos na Conferência de 92.

Castro (2004) destaca que entre as preocupações da Agenda 21 está a questão da produção e armazenamento dos resíduos sólidos gerados pela população. Desde o início da Revolução Industrial a produção de bens de consumo vem aumentando, bem como a produção de resíduos sólidos, o que agrava os problemas ambientais: contaminação dos lençóis freáticos por substâncias químicas, ou do chorume produzidos nos aterros sanitários; poluição atmosférica oriundas dos processos produtivos ou incineração dos rejeitos industriais e residenciais; poluição do solo provocado por armazenamento de resíduos de forma inadequada.

As diretrizes da Agenda 21 englobam as três fases evolutivas da problemática dos resíduos sólidos, isto é, disposição dos resíduos, a reutilização e a reciclagem e a sua redução. Dados da ONU indicam que cada ser humano produz diariamente 5 quilos de lixo com impactos em diversas áreas em todos os países.

Essa preocupação com resíduos sólidos e os processos e reciclagem são justificados.

Dados da tabela 1 abaixo, indicam que materiais plásticos podem levar 450 anos para se decompor e reintegrar-se ao meio ambiente; materiais de alumínio de 100 a 500 anos; a cada tonelada de papel produzido, 20 árvores são abatidas. Porém, todo esse material pode ser reaproveitado, transformando-se em novos produtos ou matéria prima, sem perder suas propriedades. Por isso, tem-se destacado e colocado em evidência a importância da reciclagem.

Dados de Materiais Recicláveis

MATERIAL RECILADO	PRESERVAÇÃO	DECOMPOSIÇÃO
1000 kg de papel	O corte de 20 árvores	1 a 3 meses
1000 kg de plástico	Extração de milhares de litros de petróleo	200 a 450 anos
1000 kg de alumínio	Extração de 5000 kg de minério	100 a 500 anos

1000 kg de vidro	Extração de 1300 kg de areia	4000 anos
------------------	------------------------------	-----------

Fonte: Universidade Federal do Paraná

O que é reciclagem?

Várias definições são estabelecidas quando se remete à reciclagem. A análise de suas proposições técnicas concomitantemente às suas vertentes origina determinados conflitos conceituais. Embora essas contradições não sejam prioritariamente relevantes, faz-se necessário uma breve citação a posteriori.

A reciclagem pode ser entendida como o reaproveitamento de resíduos transformando-os em novos produtos, idênticos ou não aos de origem. O processo artesanal ou industrial a ele conferido, atribui utilidade ao material, até então limitada ao seu ciclo produtivo.

O dicionário da Língua Portuguesa, Aurélio, define “reciclagem: [De re- + ciclo + -agem] S.f. Bras. Atualização pedagógica, cultural, etc., para se obterem melhores resultados”.

Enquanto, em linguagem mais técnica, a publicação do Apud JPT/Sebrae, Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis: guia para implantação, tem-se uma definição mais ampla e detalhada:

Reciclagem é a recuperação de materiais por meio de processamento industrial, para a produção de um bem que pode ou não ser do mesmo tipo ou ter a mesma função que o original. Cacos de uma garrafa de vidro, por exemplo, podem ser transformados em nova garrafa ou usados na composição de asfalto.

O que chamamos de reciclagem e atividades de reutilização são uma atividade econômica que esse impôs originalmente a partir de primados econômicos e sociais, notadamente de escassez, e não como premissa da limpeza urbana ou de proteção ambiental. (EIGENHEER, 2005).

É importante ressaltar a diferença entre reciclagem, coleta seletiva e compostagem, todas difundidas no processo de reaproveitamento do lixo.

Eigenheer explicita a diferença determinando ser a reciclagem um procedimento industrial de reaproveitamento da matéria prima para a produção de novos produtos

(similares ou não). Já a coleta seletiva, como sendo um procedimento que facilita a reciclagem industrial. Ou seja, é a separação do lixo conforme especificidade para agilizar o processo de reciclagem.

O conflito, inicialmente citado, disponibilizaria se, por exemplo, quando no “Manual de Resíduos Sólidos” editado pelo CEMPRE ¹, define:

Reciclagem é o resultado de uma série de atividades, pela qual materiais que se tornariam lixo, ou estão no lixo, são desviados, coletados, separados e processados para serem usados como matéria prima na manufatura de novos produtos. (p.81)

O interessante é observar poucas páginas adiante o título do capítulo: “Reciclagem de matéria orgânica (compostagem)” (pág.91). Ou seja, compostagem é reciclagem de matéria orgânica. Porém na pág.93, os autores definem o vocábulo compostagem:

Dá-se o nome de compostagem ao processo biológico de decomposição da matéria orgânica de origem animal ou vegetal. Esse processo tem como resultado final um produto – o composto orgânico – que pode ser aplicado ao solo para melhorar suas características, sem ocasionar riscos ao meio ambiente.

¹ Compromisso Empresarial para Reciclagem

Produção e visões imagéticas sobre a reciclagem

Visando orientar o processo de investigação para responder a problemática da pesquisa deste trabalho, apresenta-se a metodologia utilizada: método qualitativo de pesquisa, utilizando-se a forma qualitativa-interpretativa para análise dos dados. Após toda a representatividade teórica, o trabalho empírico fez-se necessário para avaliar a dimensão

de referenciais teóricos alcançados por indivíduos os quais possuem relações direta e/ou indireta com a reciclagem. Utilizou-se também categorias para estabelecer classificações, o que significou agrupar elementos, idéias ou expressões em torno da leitura do cartaz.

Apresentação do Cartaz

Para tanto, a construção de um cartaz foi estabelecida como um processo comunicativo para avaliar as diferentes percepções e suas particularidades sobre o tema em questão, considerando o contexto sócio-econômico e ambiental brasileiro.

Segundo o modelo clássico de Roman Jakobson, tal processo comunicativo possui partes constitutivas inalienáveis:

--Emissário: o produtor do cartaz.

--Contexto: tanto de produção como de leitura. Trata-se do contexto anteriormente discutido e o momento de produção e leitura.

--Mensagem : sobre o que se trata.

--Contato : canal entre os interlocutores. Neste caso, um cartaz.

--Código: se é verbal, imagético.

--Destinatário: entrevistados.

O emissário admite escolhas quanto ao contexto, contato e código, propondo determinadas operações lógico-semânticas com o intuito de o receptor poder recriar o universo do discurso em questão. No entanto, o sentido que é produzido pelo destinatário depende também de suas leituras prévias, em termos lingüísticos (significado das palavras), textuais (do texto como conjunto) e também de conhecimentos gerais e pelas experiências pessoais.

O cartaz pode ser representado por basicamente dois sistemas semióticos: a linguagem verbal e a imagética. Tais ferramentas de expressão e comunicação constituem diversos signos lingüísticos.

Procedimentos da pesquisa

Uma pergunta importante para a escolha dos grupos foi “quais indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado?” A amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões (Minayo, 1992).

Com isso, a escolha do primeiro grupo foi feita a partir da estreita relação do trabalho realizado com as questões econômicas. O trabalho ali executado supostamente seria para fins lucrativos: é um lugar que compra materiais que seriam jogados no lixo, ou seja, perderiam sua utilidade. Como o próprio dono descreveu: “a gente colhe o material da rua, compra sobras de outros lugares, traz pra cá, separa, beneficia e revende”.

O outro grupo escolhido possui estreitas relações com a questão social visto que trata-se de um trabalho voluntário voltado para pessoas com algumas deficiências patológicas. O trabalho artesanal garante a inserção dessas pessoas em uma ocupação utilitária.

Descrição do cartaz

O cartaz (cópia em anexo) foi elaborado pela própria autora por compreender que uma maior aproximação com este material traria outro significado ao estudo. O desenvolvimento do mesmo objetivou uma impressão imagética que melhor interpelasse o tema.

No meio em um pedaço de cartolina fez-se uma montagem onde várias figuras estão disponibilizadas - um rio poluído com lixo e uma criança sobre os materiais; um terreno com lixo fora da “caçamba”; uma placa mal conservada com a inscrição: “proibido jogar lixo”; um rio com peixe e em volta, latinha, mais lixo; há pessoas com sacolas no meio do lixo (mas a figura está bem pequena); há também do outro lado do cartaz, uma lata de lixo e logo abaixo um quadro com a frase: “a arte do lixo”; no centro da figura há a palavra “lixo”, no “x” (um pouco maior e com espaço dentro) há a separação do lixo, a limpeza, o cuidado; e na extensão abaixo há uma tira verde com folhas.

Em torno da figura, há o símbolo da reciclagem, como se envolvesse toda a figura. Está disponibilizado nas extremidades da figura: duas setas, uma em cada lado embaixo; e uma seta em cima, centralizada. Há também a frase: “Recicle suas idéias”. Cada palavra foi disponibilizada da mesma forma do símbolo só que de maneira inversa: duas palavras em cima e duas embaixo, todas feitas com jornal.

Análise do cartaz

Todos os elementos do cartaz foram elaborados com uma determinada função: o verde simboliza a natureza limpa e conservada; a poluição feita pelo lixo no ambiente mostra a degradação ambiental, porém contribui para uma reflexão acerca do consumismo e o desperdício na sociedade devido à sua quantidade; a placa “Proibido jogar lixo” deteriorada caracteriza o descuido, o desrespeito; o vocábulo “lixo” no centro da imagem, demonstrando no interior da letra “x” o emprego gerado, assume a amplitude empregatícia envolvida na questão; a imagem da lixeira e a frase “A arte no lixo” enfatizam o lado positivo do lixo notadamente irrelevante para uma parte da sociedade; o símbolo da reciclagem envolvendo toda a imagem e a frase “Recicle suas idéias” objetiva incentivar a releitura da função do lixo adquirida na sociedade contemporânea, enfatizando a sua importância e sua utilidade, reciclando assim a idéia de algo excluído após o consumo.

O questionário

Com o objetivo de avaliar as formas de leitura do cartaz e o potencial de discussão relacionado ao tema abordado, duas questões foram elaboradas: a primeira continha duas perguntas “O que você vê neste cartaz? O que ele lhe transmite?” e a segunda “De que forma está presente na sua vida?”. Na primeira questão, tem-se a priori a expectativa de uma análise objetiva da questão pela descrição dos elementos do cartaz; ou até mesmo a situação sócio-econômica e/ou ambiental na atualidade. Enquanto a segunda questão

abrangeria uma análise mais subjetiva, de importância pessoal, de relação do indivíduo com o cartaz ou com o tema proposto. A análise, nas duas questões, quanto às possíveis influências nas respostas devido a leituras anteriores inseridas no contexto histórico ou da atualidade, também foi avaliada.

As duas questões foram disponibilizadas concomitantemente a fim de gerar a possibilidade de resposta de uma ou das duas questões, conforme a preferência do leitor. Ambas as perguntas foram elaboradas de uma forma aberta (de certo modo ambíguo) para a posterior opção (mesmo inconscientemente) da abordagem do tema ou do cartaz através da interpretação.

Contexto de aplicação

Para o grupo de trabalhadores assalariados, a análise do cartaz foi feita numa quinta-feira às 13:30 h, durante o expediente. O dono do local não estava presente e os funcionários mantiveram-se receosos em colaborar com a pesquisa. Pediram para aguardá-lo chegar. Quando chegou ao local, a pesquisa foi explicitada. A princípio, preocupou-se em esclarecer rapidamente o trabalho realizado no local e autorizou a pesquisa com os trabalhadores. A análise foi feita individualmente, analisaram rapidamente o cartaz e preferiram não escrever, somente falar.

A aplicação para o grupo voluntário da instituição foi feita também numa quinta-feira às 15h, dia e horário das reuniões semanais. A pesquisa foi explicitada para a organizadora do projeto a qual respondeu às perguntas, analisando detalhadamente o cartaz. Posteriormente, indicou mais três pessoas para responder às questões cujas referências foram extremamente favoráveis quanto às possíveis contribuições a serem dadas.

Compreendendo a reciclagem sob o olhar de trabalhadores

Minayo (1992) aponta as finalidades da etapa da análise como sendo o estabelecimento da compreensão dos dados coletados; a confirmação ou não dos pressupostos da pesquisa e/ou a resposta das questões formuladas; e a ampliação do

conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte.

A primeira pessoa, o dono do “ferro velho”, fez um breve comentário do trabalho realizado no local. Autorizou a realização da pesquisa para os trabalhadores e prontificou-se a colaborar.

Em primeira análise, fez referência² aos resíduos presentes no cartaz, como “parafernália de lixo” que deveria estar no seu lugar (lixeira, lixo), ressaltando que tal situação está danificando o ambiente.

Em um segundo momento, destaca a importância “desses materiais” em sua vida como “meio de sobrevivência”. Ainda revela a importância de seu trabalho para o ambiente pois o material é recolhido, beneficiado e encaminhado para as indústrias. Ou seja, conseqüentemente, o seu trabalho tem o poder de conservar o ambiente.

A segunda pessoa, um trabalhador assalariado, não fez uma leitura composicional do cartaz, porém citou o “plástico que polui com as queimadas”, exemplificando a poluição com elementos e situações não pertencentes à imagem. Além de remeter-se aos “Benefícios para a humanidade em si” quando baseia-se na separação do lixo.

Enquanto na segunda pergunta diz “desde que passou a ter reciclagem, melhorou tudo”. Porém quando exemplifica, limita-se ao emprego e ao “sustento” da família, ou seja, a aspectos econômicos.

² Assim como os outros trabalhadores, todas as considerações expostas foram escritas pela autora, por preferência dos mesmos.

A terceira pessoa também não faz uma análise composicional do cartaz, embora atribua importância aos resíduos sem mencioná-los: “esse material é ouro”. O trabalhador diz identificar-se no cartaz devido ao processo de separação do lixo.

Logo após, relaciona o tema à aspectos econômicos: “Eu cuido da minha família e do estudo do meu filho com isso”.

A quarta pessoa utiliza os elementos do cartaz, sem descrevê-los para dimensioná-los na atualidade quando afirmar: “o emprego está difícil”. Também caracteriza uma criança em meio ao lixo: “to vendo que a pessoa tá bem necessitada, não só para vender, mas para comer”.

A relação estabelecida apóia-se na questão financeira: “É uma ajuda na minha vida”.

A quinta pessoa relata ser importante a “colaboração” pois geraria menos poluição para o ambiente devido à menor quantidade de lixo espalhado. Ou seja, atribui importância aos gestos individuais.

A relação estabelecida foi a de reconhecimento da própria conscientização ambiental e social visto que com tal “contribuição terá menos poluição no ar, menos sujeira nas ruas, menos acidentes, menos entupimento nos ralos”. Ou seja, admite ser sua contribuição, um bem para todos.

A sexta pessoa relata ser um cartaz um veículo propagador do “modo de conservar o ambiente”. Alerta para a importância do lixo ser jogado nas lixeiras e não em qualquer lugar pois “quando chove...”.

Menciona o fato da população morar em lugares de risco devido à degradação do ambiente e por isso devem se “defender dos prejuízos”. Finaliza: “Se todos pensassem igual...”.

A primeira pessoa entrevistada era uma mulher, principal colaboradora do projeto ministrado na instituição religiosa. A princípio, começou a dissertar sobre a reciclagem, porém preferiu manter uma estreita conversa informal. Além do trabalho proposto, relatou a trajetória de vários participantes do projeto ali realizado.

Ao falar do tema, abrangeu assuntos acerca da vida saudável, dos alimentos, do clima. Ao responder a primeira pergunta disse: “Não vejo perspectiva de vida nenhuma, já está tudo destruído”. Afirmou também que a “desgraça” é maior se comparada com o exposto no cartaz “faltam as queimadas”, relatou.

A reciclagem está presente em sua vida como forma de incentivo à inclusão social de pessoas com algumas deficiências patológicas as quais recuperam a auto-estima. E isso se dá pela paixão ao trabalho.

O consumismo também foi revisto: “É não desperdiçar. Não é só reaproveitar o que já está desperdiçado”; além da questão econômica: “você não pode ver a questão da reciclagem como dinheiro. Este vem depois(...) Poxa, se eu pudesse mudar as idéias das pessoas...”.

Há menção também sobre os impactos ambientais quando afirma que todos “pagam” pelo preço do clima atual. E finalizando, garante “os que virão vão depender do que a gente deixar para eles”.

A segunda pessoa, acompanhante de uma mulher a qual sofre de uma enfermidade e por isso fica impossibilitada de sair sozinha, se propôs a participar.

A reciclagem foi mencionada no cartaz. E em torno disso, reafirmando ser um meio de vida e uma saída para o desemprego, admite que “muita gente sobrevive com isso”.

A preocupação social é perceptível na fala “Eu procuro do lixo fazer obras boas para mim e para os outros. Eu faço muita criança sorrir”; a questão ambiental é relembrada em questões atuais como a destruição da camada de ozônio; e a econômica, na remuneração pelo trabalho, cujos produtos são vendidos.

A terceira pessoa foi um homem, quase cego (era necessário uma lupa para poder enxergar). Visto que a compreensão visual era pequena, a autora fez um breve comentário dos elementos do cartaz.

Ele relatou reivindicar aos lixeiros o processo de coleta seletiva, ressaltando que “começa pela casa da gente pois facilita o trabalho deles. Além disso, garantir seu o trabalho de reciclagem, um passatempo”, uma distração.

A quarta pessoa ra uma mulher totalmente cega. A descrição, com a contribuição da organizadora fez-se necessário.

O significado do cartaz foi o não aproveitamento visto que a população deposita os resíduos em qualquer lugar. Ela atribui tais ações a uma “pobreza de espírito muito grande da humanidade”.

“A reciclagem está presente na minha vida através de artesanatos”. E conclui dizendo sobre os maus tratos com a natureza. E também sobre a ação dos homens tornando “uma coisa que era boa em ruim”.

Relendo os Resultados: a guisa de conclusões

Primeira questão:

Tabelas 1e 2: Relação das respostas considerando se estabelece ou não referência a algum elemento do cartaz, fazendo leitura composicional (1); expressões disponibilizadas para abordar o tema proposto(2); e disponibilização ou não de tais expressões referindo-se a algum contexto social, econômico e/ou ambiental (3).

Tabela 1	(1)	(2)	(3)
Pessoa 1	Sim	“parafernália de lixo”	Sim Ambiental
Pessoa 2	Não	“plástico que polui com as queimadas”	Sim Ambiental
Pessoa 3	Não	“esse material é ouro”	Sim Econômico
Pessoa 4	Sim	“pessoa necessitada não só para vender, mas para comer”	Sim Sócio-econômico
Pessoa 5	Não	“se tem menos lixo, terá menos poluição no ambiente”	Sim Ambiental
Pessoa 6	Não	“conservar o ambiente”	Sim Ambiental

Tabela 2:	(1)	(2)	(3)
Pessoa 1	Não	“a desgraça é muito maior que isso”	Sim Social Ambiental
Pessoa 2	Sim	“isso é reciclagem”	Sim Sócio-econômico Ambiental
Pessoa 3	Não	“necessidade de preservação dos bichos”	Sim Ambiental
Pessoa 4	Não	“ao invés de aproveitar, depositam num lugar qualquer”	Sim Ambiental

Segunda questão:

Tabelas 3 e 4 : Relação do tema e/ou do cartaz com as questões sociais, econômicas e/ou ambientais(1); e as expressões de abordagem (2).

Tabela 3	(1)	(2)
Pessoa 1	Econômica Ambiental	“meio de sobrevivência” “não deixo jogado nas ruas”
Pessoa 2	Econômica	“sustentar família depende da reciclagem”
Pessoa 3	Econômica	“eu cuido da minha família”
Pessoa 4	Econômica	“é uma ajuda na minha vida”
Pessoa 5	Ambiental Social	“contribuição individual” “menos acidentes”
Pessoa 6	Ambiental Social	“lugares de risco” “se todos pensassem igual”

Tabela 4	(1)	(2)
Pessoa 1	Ambiental Social	“aqui estão todas as mazelas”
Pessoa 2	Social Ambiental Econômico	“obras boas para mim e para os outros” “poluição ambiental” “ainda ganho um ‘dinheirinho’ com isso”
Pessoa 3	Ambiental Social	“cadê a coleta seletiva?” “é um passatempo para mim”
Pessoa 4	Social Ambiental	“artesanatos” “maus tratos com a natureza”

Considerações Finais relativos aos dados empíricos

A maioria dos entrevistados (sete pessoas) optaram por não fazer uma descrição composicional do cartaz . As imagens não foram descritas mas inseridas no contexto atual. As pessoas que optaram por descrever, usou um elemento do cartaz para assim, aprofundar-se nele.

De acordo com expectativas iniciais da pesquisa, os trabalhadores do “ferro velho” se preocupariam com as questões econômicas , podendo abordar outras questões. Quatro pessoas (de seis) relevaram tal condição , porém duas pessoas nem mencionaram a esfera desse poder, relacionando com o contexto social e o cartaz e/ou tema ambiental.

Enquanto no grupo de trabalho voluntário, como era esperado, todos abrangeram o contexto social. Porém, indo além das expectativas, todos tem uma “conscientização ecológica”. E apenas uma se deteve à esfera econômica.

Referências Bibliográficas:

CASTRO, Breno A.; ARAÚJO, Maria Arlete D. **Gestão dos Resíduos Sólidos Sob a Ótica da Agenda 21: um estudo de caso em uma cidade nordestina.** Revista de Administração Pública (RAP), Vol. 38, n.4, p.561-27. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

DELUIZ, Neise. **A globalização econômicas e os desafios à formação profissional.** Boletim Técnico do Senac, 22(2), maio/ago.,1996.

DELUIZ, Neise. **É possível uma formação que atenda aos interesses dos trabalhadores?** Tempo e presença, ano 19, n.293, maio/jun.,1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

LEAL, Maria do Carmo, SABROZA, Paulo Chagastelles, RODRIGUES, Rodolfo Hector, BUSS, Paulo Marchiori. **Saúde, Ambiente e Desenvolvimento. V.1, Uma Análise Interdisciplinar**. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec, 1992.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 24ªed., Petrópolis: Vozes, 1994.

MONTEIRO, Teófilo Carlos do Nascimento. **Gestão Integrada de Resíduos Sólidos Municipais e Impacto Ambiental**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

MUÑOZ, Jorge Vicente. **O Catador de Papel e O Mundo do Trabalho**. Rio de Janeiro: Nova, 2000.

PAGÉS, Max, BONETTI, Michel, GAULEJAC, Vincent de, DESCENDRE, Daniel. **O Poder das Organizações**. São Paulo: Atlas, 1987.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade Ambiental, Consumo e Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

Revista e Administração Contemporânea. V.9, nº4. Rio de Janeiro: ANPAD, 2005.

Revista de Administração Contemporânea. 2ªed. V.9. Rio de Janeiro: ANPAD, 2005.

RIBEIRO, Renato Janine. **A Sociedade Contra o Social.**

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Paixão da Terra: ensaios críticos de ecologia e geografia.** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

